

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS

MATHIAS EIDELWEIN

A PRÓCLISE DOS PRONOMES OBLÍQUOS
ÁTONOS EM POSIÇÃO INICIAL:
UMA PERSPECTIVA LINGUÍSTICO-HISTÓRICA

PORTO ALEGRE

2010

Mathias Eidelwein

A PRÓCLISE DOS PRONOMES OBLÍQUOS
ÁTONOS EM POSIÇÃO INICIAL:
Uma perspectiva linguístico-histórica

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciado
em Letras, pelo Curso de Letras
da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul

Orientador: Marcos Goldnadel

PORTO ALEGRE

2010

RESUMO

Este trabalho visa à discussão, através de uma perspectiva linguístico-histórica, da norma prescritiva gramatical que proíbe a colocação proclítica de pronomes oblíquos em posição inicial de oração. Para tal, analisaram-se pronomes oblíquos em obras de língua latina e de diversos períodos da história da língua portuguesa. Os resultados mostraram que o uso proclítico dos pronomes oblíquos foi encontrado em todas as obras neste trabalho analisadas. Concluiu-se que tal regra normativa da gramática não possui fundamentos que a ratifiquem a partir da perspectiva linguístico-histórica e que a mesma se encontra desatualizada em relação ao uso culto atual da língua portuguesa no Brasil.

Palavras-chave: Linguística-Histórica. Colocação pronominal. Prescrição gramatical.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	A PRÓCLISE DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS	6
3	LATIM	10
3.1.	LATIM CLÁSSICO	11
3.2.	LATIM VULGAR	17
4	LÍNGUAS ROMÂNICAS	21
5	PORTUGUÊS	23
5.1	PORTUGUÊS ARCAICO	23
5.2	PORTUGUÊS MODERNO	31
6	ANÁLISE DAS REGRAS PRESCRITIVAS DA LÍNGUA PORTUGUESA COMPARATIVAMENTE A OUTRAS LÍNGUAS ROMÂNICAS	35
7	CONCLUSÃO	45
	REFERÊNCIAS	47
	ANEXOS	50

1 INTRODUÇÃO

Todos os estudantes que já passaram pelas salas de aula brasileiras sabem do autoritarismo intelectual que impera na disciplina de Língua Portuguesa. A imposição de certas normas lingüísticas para os falantes nativos de português é tamanha que muitos estudantes chegam a pensar que a língua que falam não é a língua portuguesa, mas uma versão incorreta e deformada da mesma.

A gramática tradicional se encontra estagnada e não aceita atualizações em suas rígidas regras. Tais regras são impostas e defendidas através de um princípio que defende um purismo da língua em uma forma dita “clássica” — a dos escritores literários do fim do século retrasado. Dizem ser as normas fundamentadas em princípios científicos. Porém, não é exatamente da maneira pregada pelos gramáticos que normatizaram a língua portuguesa escrita que a língua se transformou e funciona para aqueles que a têm como língua materna, mesmo se forem tomados em consideração aqueles que pertencem ao reduzido grupo dos que utilizam a variante culta. Algumas regras estabelecidas se afastam de modo significativo dos usos atestados pelos estudos linguístico-históricos.

Um dos aspectos que evidenciam essa distância é o conjunto de normas que orientam a utilização de pronomes oblíquos átonos. Esse tema diz respeito não apenas à distância entre a norma e o uso, mas ainda está relacionado a aspectos mais amplos, a saber, aqueles que dizem respeito a questões de caráter político. Se trata de saber por que o uso considerado correto é aquele que caracteriza o falar lusitano, enquanto o uso característico do Brasil é considerado desviante.

O objetivo parece ser simplesmente negar a identidade linguística do povo brasileiro, que tem como língua-mãe um português que funciona diferente do português europeu na fala e que, da mesma forma, deve funcionar de maneira diferente do português europeu na escrita — apesar da normatização gramatical negar esse aspecto de nossa língua.

Um dos argumentos utilizados por aqueles que, de alguma forma, contribuem para a pregação prescritivista é o de que um determinado uso é melhor em função de representar um momento mais puro da língua. Esse parece ser, pelo menos, o argumento implícito daqueles que abonam as normas apenas com passagens de escritores de determinado momento histórico. Além de ignorar outros momentos, anteriores e posteriores, essa prática transmite uma impressão de que, mesmo na época tomada como exemplar, o uso tenha sido homogêneo.

A impressão de homogeneidade decorre do fato de que os exemplos escolhidos sempre sejam aqueles que confirmam a regra. Essa, no entanto, não é uma constatação científica; é apenas a expressão do desejo do gramático de que um determinado uso — que pode ser predominante em um período — seja considerado categórico entre os bons autores, transmitindo, assim, a impressão de que houve uma fase áurea da história da língua.

Este trabalho apresenta o resultado de uma investigação sobre a colocação dos pronomes átonos em língua portuguesa em diversos momentos da história da língua. Com esse levantamento, se buscou verificar em que medida se poderia afirmar que, mesmo em um estágio determinado, os “bons exemplares” de texto aboliram completamente o uso da próclise.

2 A PRÓCLISE DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS

A língua é uma das habilidades do ser humano que o distingue de outras espécies de animais. Graças a ela, o homem foi capaz de se organizar socialmente e desenvolver um nível de abstração que o tornou o ser mais racional que neste planeta habita. É majoritariamente através dela que os homens se comunicam, se expressam e discutem idéias. Com a necessidade de registrar o que era comunicado, expressado ou discutido — seja para a simples recordação momentos depois ou para deixar suas idéias registradas para quem mais se interessasse muitos anos após —, os homens convencionaram sistemas de escritas para as suas línguas. Esse processo foi lento e gradual, uma vez que sua criação era social e sua disseminação levava gerações para se consolidar. Diversos foram os sistemas de escrita e muitos alfabetos surgiram, inspirando outros e mais outros. Como não havia uma convenção social para a escrita, muitas eram as formas aceitas, expressadas individualmente de acordo com o seu reprodutor. Com o intuito de padronizar a língua e a deixar compreensível a todos, cada povo deu um formato à sua língua.

Com as grandes navegações, nos séculos XV e XVI, a língua portuguesa se espalhou pelos diversos cantos do mundo, se misturando e criando dialetos crioulos. Contudo, o falar português à moda europeia foi sempre mais valorizado. No Brasil, os livros atuais de gramática se inspiram em certos trechos de determinados autores clássicos da literatura brasileira, como Machado de Assis e José de Alencar. Porém, a escrita dos literatos do final do século retrasado ainda era muito lusitanizada, se comparada ao momento atual. Tanto que muitas normas da língua portuguesa no Brasil entram em conflito com os padrões cultos de hoje, permanentemente repassados nas aulas de Língua Portuguesa.

Ser brasileiro em uma aula de Língua Portuguesa é entrar em um conflito com sua própria pátria. Me lembro das épocas de colégio em que, em cada aula a que assistia, me sentia como me perdendo em um conflito existencial. Não

suportava ouvir regras de mesóclise e ser julgado pela professora, que afirmava que a próclise e a ênclise, nos contextos por ela dados, eram inadmissíveis para um bom falante da língua. Então quem era eu? Um corruptor da pátria? Pois, se essa mesma língua tinha sido ensinada a mim por meus familiares, meus amigos, meus professores — de outras disciplinas que não o Português —, então éramos todos ignorantes e transgressores? A professora sempre tinha a resposta na ponta da língua: sim. Acreditava ela, talvez por alguma falta de reflexão e discussão em sua formação superior, que tudo o que é pregado pela gramática em suas folhas não poderia ser contestado. E eu ficava com inveja dos portugueses por eles serem donos de uma língua destruída por nós, brasileiros desleixados.

Esse tipo de metodologia promove uma variante de certa língua à posição de única forma correta de expressão. Segundo essa visão, qualquer outra forma de se expressar na escrita constitui um erro, um desvio, uma falha ou até mesmo burrice ou preguiça. Não se reconhece que na escrita também existe variabilidade. É a supervalorização de uma variante que gera a desvalorização de outra. Isso ocorre porque a escola não aceita mudanças. Várias gerações já foram doutrinadas desta maneira, então as próximas gerações também devem ser assim doutrinadas. É a lei do “sempre foi assim”. Nada muda, pois propor mudanças na Escola é um desafio muito grande.

O uso dos pronomes oblíquos átonos *me*, *te*, *se*, *a(s)*, *o(s)*, *nos*, *vos*, *lhe(s)* enquanto objetos direto ou indireto e da partícula *se* enquanto apassivadora e enquanto pronome impessoal é uma questão muito clara na artificialidade do ensino das regras gramaticais em uma aula de Língua Portuguesa. As gramáticas pregam que, em posição inicial de oração, jamais se pode usar um pronome átono — como aqueles anteriormente citados — em posição proclítica. Por conseguinte, a regra apresenta como corretas as seguintes construções:

“Diga-*me* seu nome.”

“Come-*se* muito nos Estados Unidos.”

“Conheço-*te* de algum lugar.”

“Bate-*se* na porta antes de entrar por questão de respeito.”

“Falamos-*nos* mais tarde.”

“Falava-se sem parar nos atentados de 11 de setembro.”

Dessa forma, ficam proibidas as seguintes construções:

“*Me* diga seu nome.”

“*Se* come muito nos Estados Unidos.”

“*Te* conheço de algum lugar.”

“*Se* bate na porta antes de entrar por questão de respeito.”

“*Nos* falamos mais tarde.”

“*Se* falava sem parar nos atentados de 11 de setembro.”

Bem, se essas últimas construções não existem em português, então a língua portuguesa não existe no Brasil, pois é essa a maneira como os brasileiros que dominam a língua culta se expressam. O que é ensinado pela gramática nas escolas desvaloriza a nossa variante da língua, até mesmo a variante por nós considerada culta. Os pronomes átonos são geralmente empregados em posição proclítica na linguagem coloquial culta no Brasil. Na linguagem escrita, se varia muito entre o uso da próclise e da ênclise. O que julgo autoritário e imprudente é permitir somente uma ou outra forma de uso. É necessário refletir sobre o uso da língua e das normas a nós impostas pela gramática. Afinal, será necessário os portugueses mudarem a sua gramática para nós, brasileiros, mudarmos a nossa?

De que instrumentos, então, se valem os gramáticos para legitimar suas atitudes prescritivistas? Um deles é a identificação da língua portuguesa com o latim. Se sabe, por exemplo, que o pronome pessoal reto está banido — pelos gramáticos — da posição de sujeito em orações complemento — em que, na oração principal, está um verbo causativo ou sensitivo — em função de que, no latim, a construção aceita era o acusativo com infinitivo. Sendo assim, a Gramática rejeita uma frase como “Vimos ela sair com roupa suja”, aceitando apenas “Vimo-la sair com a roupa suja”.

Outro recurso, já mencionado, é o de identificar determinado estágio da língua como aquele em que o uso defendido é categórico, pelo menos entre os que se costumam considerar os “bons usuários” da língua. No próximo capítulo,

se apresenta uma pesquisa sobre a colocação de pronomes oblíquos feita em fontes latinas. O objetivo é identificar como a língua dos romanos, em suas principais modalidades, se comportava em relação à colocação pronominal.

3 LATIM

O latim é uma antiga língua itálica da família indo-europeia. Sua origem remonta ao século VII a.C., quando a língua foi trazida à península itálica por migrantes que se fixaram numa região que circunda o rio Tibre à borda do litoral mediterrâneo, hoje chamada Lácio. Escrita com o alfabeto latino — uma adaptação do alfabeto etrusco, que, por sua vez, foi adaptado do antigo alfabeto grego, sem falar nos alfabetos que antecederam este — e falada em meio às diversas outras línguas da península itálica de então — como o osco, o etrusco e o umbro —, a língua latina sofreu uma grande disseminação desde o início da expansão da então pequena e rural Roma do século VII a.C. até a formação do Império Romano, no século I a.C.

As sucessivas e bem-sucedidas guerras entre os romanos e seus vizinhos expandiram o Império ao seu auge em 117 d.C., sob o comando do Imperador Marco Úlpio Nerva Trajano. O Império Romano, então, se estendia por mais de 5.000.000 km² e tinha uma população estimada de 88.000.000 habitantes. Isso significa que Roma era a civilização mais influente e dominante do Ocidente. Com o estabelecimento de bases militares e governamentais em diversas regiões dominadas pelos antigos romanos, havia a necessidade de uma língua franca que realizaria a comunicação entre o povo dominante e aqueles que por ele eram dominados.

Assim, o latim foi inserido por todo o território então sob o poder dos romanos, sendo a língua em questão sabida em diferentes níveis, dependendo da distância da colônia à metrópole, do nível social e, principalmente, do nível de instrução do habitante. O latim teve ao seu lado, como fator que facilitou a sua inserção em meio aos povos a que foi levado, o fato de o Império Romano ser visto como uma grande potência não só bélica e administrativa, mas também cultural. Saber o latim era, na época, atingir um nível elevado de educação e ter acesso aos cargos administrativos públicos que somente falantes dessa língua

poderiam almejar. Dessa forma, o latim se firmou — em diferentes níveis — em todo o território sob o poder da metrópole, subjugando línguas e trazendo seu léxico, sua fonologia, sua morfologia e sua sintaxe para dentro de outras línguas, formando novas formas dialetais que mesclavam o latim e outras línguas locais; ou seja, fazendo línguas se transformarem.

A língua latina passou por diversas fases que mostravam uma sucessiva transformação de suas características. Neste trabalho, contudo, nos focaremos inicialmente apenas nas variantes clássica e vulgar, pois são essenciais para a compreensão e a análise da expansão do latim e a formação das línguas que hoje descendem do mesmo — importantíssimas para o desenvolvimento deste trabalho. A seguir, se explanarão de forma breve essas duas variantes, para, assim, haver subsídios para fortalecer a idéia que este trabalho se dispõe a defender.

3.1 LATIM CLÁSSICO

O latim clássico — ou latim literário, assim também chamado por ser a variedade do latim encontrada nas obras clássicas — era o latim dos cidadãos romanos instruídos. Era a variedade do latim ensinada na escola e empregada pelos grandes escritores e filósofos do Império, como Cícero e Ovídio.

O latim clássico era considerado uma língua elevada, devido ao seu complexo sistema de declinações e casos, e dominá-la era uma demonstração de alto nível de educação. Devido a esse sistema, a colocação das palavras na oração não seguia obrigatoriamente uma ordem determinada — apesar da ordem sujeito-objeto-verbo ser preferida pelos escritores de prosa, como afirma Frederico Andries Lopes (LOPES, 2010¹):

Em latim, a ordem das palavras é muito mais flexível do que em português. Porque as funções sintáticas são marcadas com letras distintivas, podemos colocá-las em

¹ Por não ter encontrado informação sobre a citação de textos digitalizados, neste trabalho os mesmos serão referenciados a partir do seu ano de pesquisa.

qualquer lugar sem alterar o sentido da oração. Assim, qualquer combinação das palavras *femina*, *poetam* e *amat* gerará uma oração com exatamente o mesmo sentido. No entanto, o latim prefere, mas não obriga, a ordem sujeito-objeto-verbo. A oração

Femina poetam amat

está na ordem mais usual em latim. O tempo todo, no entanto, veremos como essa preferência da língua latina é frágil, como é frequentemente violada pelos bons autores.

Segundo Väänänen (1975), a ordem habitual do latim literário é o sujeito, preferencialmente, no início da frase, o verbo em posição final e, na posição intermediária, os complementos. Quando há alguma alteração nessa seqüência, ou se busca destacar algum elemento da frase, ou se trata apenas de uma opção estilística do autor para atender a necessidades de eufonia ou de expressividade. Assim, a colocação dos termos numa oração era subjetiva e a função exercida pelos mesmos era determinada por terminações que funcionavam como afixos. Essa ordem indeterminada dava uma maior liberdade à língua e permitia aos escritores maior criatividade em suas composições, como atesta o curso *on-line* de grafia e prosódia do latim, publicado pelo Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2010):

Ordem das Palavras

1. No interior de uma oração -

A ordem das palavras é mais livre que em português, pois seu lugar não é determinado por sua função.

Na oração *Poeta puellam amat*, o sentido seria o mesmo se se escrevesse *Puellam amat poeta*; *Puellam poeta amat*; *Poeta amat puellam*.

Em português, em oposição, a variação não seria indiferente:

O poeta ama a menina; a menina ama o poeta.

2. No interior de grupos de palavras -

Como em português, o latim se organiza, no interior das orações, em grupos de palavras ou sintagmas.

In casa servi | fenestras angustas | sunt.

No interior dos sintagmas, a ordem é igualmente mais livre que em português. Poder-se-ia também escrever:

In serui casa |

Serui in casa |

Assim, há uma visão positiva frente à livre colocação dos termos na oração já defendida pelos escritores da época, cidadãos instruídos do Império Romano — que, todavia, são considerados conservadores no uso da língua, devido à valorização de uma língua já na época baseada em regras prescritivas.

O mesmo acontece quando nossos gramáticos contemporâneos da língua latina abordam a colocação pronominal no latim clássico. O gramático da língua latina Vandick Londres da Nóbrega, no capítulo “Sintaxe de concordância” da sua edição do *Novo Método de Gramática Latina* (NÓBREGA, 1962), expõe inclusive um exemplo que proclitiza o pronome reflexivo oblíquo átono *se* em início de oração (NÓBREGA, 1962: 163):

*tirones... iureiurando accepto nihil iis nocituros hostes,
se Octacilio dederunt. (Cés. B. Civ. III, 28, 4)*
Os jovens soldados... diante da promessa de que
o inimigo não lhes faria mal, renderam-se a Otacílio.

O mesmo faz Napoleão Mendes de Almeida em sua *Gramática Latina*, onde inclui também um exemplo que proclitiza pronomes latinos oblíquos átonos em início de oração (ALMEIDA, 1992: 162):

O pronome português *o* (= objeto direto), corresponde ora ao acusativo masculino, ora ao acusativo neutro:

Eu **o** matarei = **eum** occidam (masc.)

Não **o** farei (= não farei isto) = **hoc** non agam (neutro)

Almeida também esclarece de forma evidente a possibilidade de proclitizar esses elementos em início de oração na língua latina em seu capítulo “Principais formas pronominais” da mesma obra (ALMEIDA, 1992: 136-137):

4ª — [...] veja o quadro que se encontra no fim dessa nota e observe que, se em português *me, te, nos, vos* servem indiferentemente para objeto direto e para indireto, em latim as formas são diferentes:

Louvam-me — Me laudant
v. trans. dir. v. trans. dir.

Obedecem-me — Mihi parent
v. trans. ind. v. trans. ind.

[...]

5ª — Não existem em latim regras especiais para a colocação dos oblíquos; podem vir em qualquer lugar na frase, como se fossem meros substantivos, e são sempre acentuados na leitura.

Com o intuito de fundamentar o assunto aqui discutido em bases sólidas, realizei uma pesquisa em textos escritos em latim clássico, objetivando encontrar pronomes oblíquos em posição pré-verbal. Para isso, foram usados textos publicados nos cinco livros de fábulas do escritor romano Fedro (FEDRO, 2010) e a obra *Satyricon*, de Petronio.

Fedro foi o responsável pela introdução das fábulas na literatura latina. Os cinco livros que serviram de base para a coleta de *corpus* contêm fábulas, ou seja, pequenas narrativas que ilustram algum vício ou alguma virtude dos seres humanos e que têm seu desfecho, invariavelmente, com uma lição de moral. Tais narrativas trazem, geralmente, animais como personagens, com o objetivo de expor esses vícios e virtudes dos homens sem que os mesmos se sintam diretamente ofendidos. Fedro escreveu suas próprias versões das fábulas gregas de Esopo, as quais fizeram muito sucesso na sociedade da época por denunciar as injustiças e os males da sociedade de então.

Fedro era detentor de uma escrita louvável e conhecia muito bem as regras do latim clássico, o que faz de suas obras umas das mais utilizadas em aulas de ensino de latim clássico em escolas e universidades de hoje. Por essa razão, escolhi seus cinco livros de fábulas para analisar neste subcapítulo: a finalidade é de que as mais técnicas e indubitavelmente corretas frases de latim clássico sejam objeto de análise, sem que haja dúvidas quanto ao emprego correto ou não dos pronomes oblíquos no latim clássico.

Analisando o primeiro livro, se encontra já na terceira fábula, intitulada *Graculus Superbus et Pavo*, um caso de pronome oblíquo latino em posição pré-verbal, como revela o excerto:

“Tumens inani graculus superbia
pinnas, pavoni quae deciderant, sustulit,
seque exornavit.”

Na nona fábula — *Passem as Leporem Consiliator* — se vê mais um exemplo, seguido de outro na décima fábula — *Lupus et Vulpis Iudice Símio* — e outro na vigésima-nona fábula — *Asinus Inridens Aprum*. Seguem abaixo os excertos que comprovam tal achado:

IX. “Sibi non cavere et aliis consilium dare
stultum esse paucis ostendamus versibus.”

X. “Tu non videris perdidisse quos petis;
te credo subripuisse quod pulchre negas’.”

XXIX “Plerumque stulti, risum dum captant levem,
gravi destringunt alios contumelia,
et sibi nocivum concitant periculum.”

No segundo livro, se encontra mais um exemplo de pronome oblíquo pré-verbalizado na quinta fábula — *Tib. Caesar ad Atriensem*:

“Est ardalionum quaedam Romae natio,
trepide concursans, occupata in otio,
gratis anhelans, multa agendo nil agens,
sibi molesta et aliis odiosissima.”

No terceiro livro de fábulas de Fedro, se encontram mais dois casos na décima-oitava fábula — *Pauo ad lunonem de uoce sua*:

XVIII a. “Pauo ad lunonem uenit, indigne ferens
cantus luscini quod sibi no tribuerit;
illum esse cunctis auribus mirabilem,
se derideri simul ac uocem miserit.”

XVIII b. “Fatorum arbitrio partes sunt uobis datae;
tibi forma, uires aquilae, luscini melos,

augurium coruo, laeua cornici omina;
omnesque propriis sunt contentae dotibus.
Noli adfectare quod tibi non est datum,
delusa ne spes ad querelam reccidat."

E, por fim, se encontra o último caso de anteposição ao verbo de pronomes oblíquos no quarto livro de fábulas de Fedro, como abaixo se percebe no trecho da vigésima-primeira fábula, *Vulpis et Draco*:

XXI. "Abiturus illuc quo priores abierunt,
quid mente caeca miserum torques spiritum?
Tibi dico, auare, gaudium heredis tui,
qui ture superos, ipsum te fraudas cibo,
qui tristis audis musicum citharae sonum,
quem tiliarum macerat iucunditas,
obsoniorum pretia cui gemitum exprimunt,
qui dum quadrantes aggeras patrimônio
caelum fatigas sordido periurio,
qui circumcidis omnem inpensam funeris,
Libitina ne quid de tuo faciat lucri."

Também foi analisada a obra *Satyricon*, do escritor romano Petronio. Tal texto é muito valorizado por ter sido escrito tanto na variante clássica, quanto na variante vulgar da língua latina. Nesta seção, fiz um recorte onde analisei apenas os excertos escritos em latim clássico, deixando aqueles escritos em latim vulgar para a seção que trata de tal tema. Os casos de anteposição ao verbo em posição inicial encontrados foram os seguintes:

Capítulo XIV: "Contra Ascylytos leges timebat et: 'Quis, aiebat, hoc loco nos novit, aut quis habebit dicentibus fidem? Mihi plane placet emere, quamvis nostrum sit, quod agnoscimus, et parvo aere recuperare potius thesaurum, quam in ambiguam litem descendere: [...]"

Capítulo XVI: "Mulier autem erat operto capite, et: 'Me derisisse, inquit, vos putabatis? Ego sum ancilla Quartillae, cuius vos sacrum ante cryptam turbastis. Ecce ipsa venit ad stabulum petitque ut vobiscum loqui liceat. Nolite perturbari. Nec accusat errorem vestrum nec punit, immo potius miratur, quis deus iuvenes tam urbanos in suam regionem detulerit.'"

Capítulo XXIV: “Cum ego fratrem meum esse dixissem: ‘Quare ergo, me non basiavit?’ vocatumque ad se in osculum adplicuit.”

Capítulo XXVI: “Sine dubio non repugnauerat puer, ac ne puella quidem tristis expaerant nuptiarum nomen. Itaque cum inclusi iacerent, consedimus ante limen thalami, et in primis Quartilla per rimam improbe diductam adplicuerat oculum curiosum, lusumque puerilem libidinosa speculabatur diligentia. Me quoque ad idem spectaculum lenta manu traxit, et quia considerantium <co>haeserant vultus, quicquid a spectaculo vacabat, commovebat obiter labra et me tamquam furtivis subinde oculis verberabat.”

Assim, se percebe um uso aceitável que se pode considerar frequente dos pronomes oblíquos em posição pré-verbal. Desta maneira, se comprova que tal prática era aceita no latim clássico, uma vez que um escritor de tal renome e aceitação como Fedro, que é conhecido por dominar sabiamente a técnica de composição da variante clássica da língua latina, e uma obra como o *Satyricon*, tão aclamada por estudiosos da língua já citada, a põem em prática.

3.2 LATIM VULGAR

O latim vulgar, também chamado de latim vernacular, era uma variante do latim tido como língua materna dos populares das colônias e da metrópole romanas. Era o latim falado e — raramente — escrito pelos habitantes de pouca instrução. Devido à falta de sistematização prescritiva, o latim vulgar apresentava uma maior diversidade de léxico e de construções que o latim clássico — que se cristalizava à medida que os gramáticos o descreviam e o normatizavam. As declinações e os casos não eram tantos quanto os que se apresentam na variante clássica. Essa maior diversidade fazia da variante em questão uma língua pouco regular; mas não lhe permitia, porém, uma liberdade tão grande na ordem dos termos na oração como o latim clássico apresentava, fixando determinadas ordens para a colocação dos termos na oração, como sujeito-objeto-verbo ou sujeito-verbo-objeto. Isso se explica devido ao fato de o enfraquecimento das variedades das terminações dos casos e das declinações ter confundido o falante sobre o que poderia ser sujeito e o que poderia ser

objeto, criando a necessidade de fixar uma determinada posição para esses termos. Contudo, afixos e outros clíticos continuaram a ter certa liberdade na estrutura da oração, uma vez que, por se tratarem majoritariamente de formações monossilábicas ou de curta produção sonora, lhes foram mantidas as características de declinações e de casos.

Para esclarecer a existência ou a inexistência de ocorrências pré-verbais de pronomes oblíquos no latim vulgar, realizei uma pesquisa de *corpora* visando à análise de textos nesta variante da língua. Assim, se quer provar que o mesmo acontecia não só no latim clássico, como também no latim vulgar, que deu origem direta às outras línguas românicas, como o português.

Para isso, foram analisados dois textos escritos na variante vulgar da língua latina. Primeiramente, se analisou o *Peregrinatio Aetheriae*, relato de viagem de uma monja que rumou à Terra Santa no fim do século IX. Após, foi estudado o *Satyricon*, obra de Petrônio escrita no século I que relata as aventuras de um cidadão da classe baixa do Império Romano e que é muito valioso por conter trechos escritos em latim vulgar. Ambos os textos figuram nos acervos mais importantes de latim vulgar, uma vez que não é comum achar documentos escritos nessa variante — primeiro, porque os escolarizados aprendiam o latim clássico nas instituições e, assim, geralmente o usavam na escrita, sendo o latim vulgar pouco registrado nessa forma; segundo, porque grande parte dos documentos com registros da variante foram extraviados ou destruídos com o passar dos séculos, incluindo partes dos dois aqui estudados, pois capítulos e seções desses textos também estão perdidos.

Nos relatos da monja Egeria (Egeria, 2010), alguns foram os pronomes oblíquos proclíticos encontrados:

Capítulo II: “Nobis ergo euntibus ab eo loco, ubi uenientes a Faran feceramus orationem, iter sic fuit, ut per medium transuersarem caput ipsius uallis et sic plecaremus nos ad montem Dei.”

Capítulo VII: “Nam et nos iuxta consuetudinem deduxerunt inde usque ad aliud castrum, et loco Beelsefon ostensum est nobis, immo in eo loco fuimus.

Capítulo IX: “Nobis autem fortuito hoc gratissimum euenit, ut ea die, qua uenimus ad mansionem Arabia, pridie a beatissimo die epiphania esset; nam eadem die uigiliae agende erant in ecclesia.”

Capítulo XII: “Sed mihi credite, domine uenerabiles, quia columna ipsa iam non paret, locus autem ipse tantum ostenditur: columna autem ipsa dicitur mari mortuo fuisse quoopta.”

Capítulo XXV: “Recipit se episcopus et uadent se unusquisque ad ospitium suum, ut se resumant.”

Se constatam acima diversos casos de anteposição ao verbo de pronomes oblíquos em posição inicial, o que nos revela o uso de tal prática na variante vulgar da língua latina.

Após ter analisado o texto das peregrinações de Egeria, se seguiu a análise do texto satírico de Petrônio. É curioso o fato de que construções parecidas com as da peregrina, antes analisadas, foram encontradas quando consideradas as passagens em latim vulgar da obra de Petrônio, o que mostra o freqüente uso da anteposição do verbo também nessa modalidade de latim. Seguem excertos do latim vulgar tirados do *Satyricon* que mostram o emprego de pronomes em posição pré-verbal, em posição de início de oração.

Capítulo XLI: “Ab hoc ferculo Trimalchio ad lasanum surrexit. Nos libertatem sine tyranno nacti coepimus invitare convivarum sermones.

[...]

Dama itaque primus cum pataracina poposcisset: ‘Dies, inquit, nihil est. Dum versas te, nox fit. Itaque nihil est melius quam de cubiculo recta in triclinium ire. Et mundum frigus habuimus. Vix me balneus calfecit. Tamen calda potio vestiarius est. Staminatas duxi, et plane matus sum. Vinus mihi in cerebrum abiit.’”

Capítulo XLII: “Homo bellus, tam bonus Chrysanthus animam ebullit. Modo, modo me appellavit.”

Capítulo XLV: “‘Glyco, Glyco dedit suas; itaque quamdiu vixerit, habebit stigmam, nec illam nisi Orcus delebit. Sed sibi quisque peccat.’

[...]

‘Munus tamen, inquit, tibi dedi — et ego tibi plodo.’ Computa, et tibi plus do quam accepi. Manus manum lavat.’”

Capítulo XLVI: “Ideo illi cotidie clamo: ‘Primigeni, crede mihi, quicquid discis, tibi discis. Vides Phileronem causicum: si non didicisset, hodie famem a labris non abigeret. Modo, modo, collo suo circumferebat onera venalia; nunc etiam adversus Norbanum se extendit.” Litterae thesaurum est, et artificium nunquam moritur’.”

Capítulo XLVII: “Cum ille se ex quadragesima respondisset: ‘Empticius an, inquit, domi natus? — Neutrum, inquit cocus, sed testamento Pansae tibi relictus sum. — Vide ergo, ait, ut diligenter ponas; si non, te iubebo in decuriam viatorum conici.’”

Capítulo LVII: “In alio peduclum vides, in te ricinum non vides. Tibi soli ridiculi videmur; ecce magister tuus, homo maior natus: placemus illi.”

Capítulo LVIII: “Plane qualis dominus, talis et servus. Vix me teneo, nec sum natura caldicerebrius, <sed> cum coepi, matrem meam dupundii non facio.”

Capítulo LXII: “Deinde ut respexi ad comitem, ille exuit se et omnia vestimenta secundum viam posuit. Mihi anima in naso esse; stabam tanquam mortuus.”

Capítulo LXIV: “Et sane iam lucernae mihi plures videbantur ardere totumque triclinium esse mutatum, cum Trimalchio: ‘Tibi dico, inquit, Plocame, nihil narras? nihil nos delectaris?’”

Capítulo LXVII: “Inde duo crotalia protulit et Fortunatae invicem consideranda dedit et: ‘Domini, inquit, mei beneficio nemo habet meliora. — Quid? inquit Habinnas, excatarissasti me, ut tibi emerem fabam vitream. Plane si filiam haberem, auriculas illi praeciderem. Mulieres si non essent, omnia pro luto haberemus; nunc hoc est caldum meiere et frigidum potare.’”

Capítulo LXXI: “Praeponam enim unum ex libertis sepulchro meo custodiae causa, ne in monumentum meum populus cacatum currat. Te rogo, ut naves etiam <in fronte> monumenti mei facias plenis velis euntes, et me in tribunali sedentem praetextatum cum anulis aureis quinque et nummos in publico de sacculo effundentem; scis enim, quod epulum dedi binos denarios.”

Vemos, então, o uso de alguns pronomes oblíquos em posição pré-verbal em início de oração. A relativa freqüência com a qual este emprego pré-verbal é encontrado nos textos prova haver esse tipo de uso também nesta variante do latim, assim como ocorria no latim clássico — que teve *corpora* analisados na seção anterior.

4 LÍNGUAS ROMÂNICAS

A Europa, durante o Império Romano, era composta de diversos povos. Dentre esses, eram encontradas desde comunidades tribais até civilizações tão evoluídas e progressistas quanto o próprio Império situado na Itália. Com a expansão do Império Romano e a subjugação desses povos colonizados, houve a necessidade de enviar militares que cuidassem das colônias, assim como funcionários para administrá-las. Esses militares se estabeleciam nas regiões a eles indicadas e mantinham um contato direto com o povo da localidade, uma vez que eram os responsáveis pela ordem da mesma e pela segurança de seus habitantes. Dessa forma, não eram postas em prática somente meras formalidades administrativas e ordens burocráticas, mas também trocas culturais entre os falantes do latim vulgar — enviados da metrópole para as colônias — e os falantes das línguas vernáculas do ambiente. A partir dessas interações, dialetos caracterizados pela mistura do latim vulgar e das línguas locais se formavam nas diversas localidades em que os romanos se infiltravam. Esses novos dialetos tinham características híbridas, sempre mantendo alguns aspectos do latim vulgar. Entre outros, a livre colocação na oração de termos declinados do latim vulgar — como os clíticos — se mantinha em muitos desses dialetos que, com o passar do tempo, se transformaram em línguas de importantes povos que perduraram após o declínio do Império da língua-mãe. Entre essas línguas, se encontram o português, o italiano, o francês, o espanhol e o romeno, entre outras.

Em todas essas línguas, em suas versões faladas e escritas — com exceção do português, que apresenta a característica apenas em sua versão falada —, se encontra a característica da posição de partículas clíticas à frente do termo que as sustenta. Essa característica se mantém desde o latim até as línguas hodiernas que a partir dele se formaram, como se vê abaixo nos trechos de obras literárias de autores renomados de línguas românicas:

Espanhol : “Le dije que acabábamos de salir del puerto. Luego subí a mi litera y traté de dormir.” (MÁRQUEZ, 1998 : 23)

Francês: “— Monsieur Roger, lui dit-il à demi-voix, voici un élève que je vous recommande, il entre en cinquième.” (FLAUBERT, 1991: 13)

Italiano: “Mi dimetto. Domani vado dal Questore e gli presento le dimissioni. Bonetti-Alderighi ne sarà felicissimo.” (CAMILLERI, 2003: 11)

Romeno: “Mă dezgusta nemernicia și nedreptatea, dar aveam oare acum în mine oțelul necesar care să nu se poată înmlădia dinainte tentațiilor?” (MIHĂESCU, 2010)

Assim, a proclitização dos pronomes oblíquos em início de oração se mostra, através dos trechos literários acima expostos, corrente e aceita pelas gramáticas prescritivas das línguas românicas. E, então, por que o português não assume essa característica em suas gramáticas que normatizam a língua? Em primeiro lugar, se deve considerar que variante da língua está em análise. Se sabe que, em virtude do distanciamento geográfico entre Brasil e Portugal, as variantes faladas nesses países trilharam caminhos bastante distintos no que diz respeito à prosódia.

É de conhecimento geral o fato de o português europeu, em seu estado atual, mesmo nos usos informais, privilegiar a ênclise. Se sabe também que o português falado atualmente no Brasil tende à próclise. No próximo capítulo, se analisa um estágio imediatamente posterior ao do latim vulgar: o português arcaico.

5 PORTUGUÊS

O português, como já foi relatado no capítulo precedente, chegou ao estado atual através de transformações da língua latina. De acordo com a literatura especializada, a língua portuguesa passou por duas principais fases através de sua história: o português arcaico — do século XII ao século XV — e o português moderno — do século XVI até os dias de hoje. A seguir, analisarei essas duas fases, a fim de perceber traços que mostrem com maior clareza a questão das mudanças de colocação pronominal nesta língua.

5.1 PORTUGUÊS ARCAICO

O português arcaico — ou galego-português, como é também definido — é um produto da evolução do latim vulgar com a mistura das línguas que eram faladas na porção ocidental da península Ibérica na Idade Média. Equivaleria a um nível intermediário entre o latim vulgar e o português falado hoje.

Sua história coincide com a história do Estado português e remonta ao século XI, quando a região então chamada de Condado Portucalense — que hoje é a região do Porto — foi doada como dote de um casamento real a Henrique de Borgonha. Seus descendentes constituíram a primeira dinastia de reis portugueses, criando, junto com o Estado de Portugal, uma identidade patriótica, que assumia um povo com uma língua identitária: o galego-português. No século XIII, esse estado da língua gozava de grande prestígio na península Ibérica, o que é comprovado pelo seu uso na lírica trovadoresca não só de trovadores portugueses, como Dom Dinis — rei a partir de 1290 —, mas também de outros poetas da região — como o rei de Castela Afonso X, o Sábio (ILARI & BASSO, 2006). Fiz dessas obras da lírica trovadoresca objetos de análise para tentar

identificar o momento em que houve a mudança de posicionamento das partículas clíticas átonas na língua portuguesa.

Se vê abaixo a crônica de Roi Fernández de Santiago:

De gran coita faz gran lezer
Deus, per quant'eu entend'e sei,
e de gran pesar gran prazer,
e direi-vos por que o sei,
ca vi mia senhor d'aquend'ir
e ora vejo-a viir.

Ja por coita, nen por pesar
que haja no meu coraçón
non me quer'eu muito queixar,
e direi-vos eu por que non:
ca vi mia senhor d'aquend'ir
e ora vejo-a viir.

E sempr'eu esforç'haverei
contra pesar; se i houver,
de vos perder, non o querrei
haver oimais, se Deus quiser,
ca vi mia senhor d'aquend'ir
e ora vejo-a viir.

Os pronomes são quase todos enclitizados. As exceções estão no quarto, no nono e no décimo-quinto versos, onde os pronomes *o* e *me* são proclitizados devido às partículas atratoras *não* e *que* que os antecedem, o que já é previsto nas regras das gramáticas de hoje.

Abaixo, se encontra um poema do trovador Afonso Sanches:

Conhocedes a donzela
por que trobei, que havia
nome Dona Biringela?
Vedes camanha perfia
e cousa tan desguisada:
des que ora foi casada,
chaman-lhe Dona María.

D'al and'ora máis nojado,
se Deus me de mal defenda:
estand'ora segurado
un, que maa morte prenda
e o Demo cedo tome,
quis-la chamar per seu nome
e chamou-lhe Dona Ousenda.

Pero se ten por fremosa
máis que s'ela, por Deus, pode,
pola Virgen gloriosa,
un home que fede a bode

e cedo seja na forca,
estand'a cerrar-lhe a boca,
chamou-lhe Dona Gondrode.

E par Deus, o poderoso,
que fez esta senhor minha,
d'al and'ora máis nojoso:
do demo d'ũa menina,
que aquel homen de Çamora,
u lhe quis chamar senhora,
chamou-lhe Dona Gontinha.

Se percebe nessa cantiga uma marcada tendência à enclitização dos pronomes átonos em início de oração. Dos cinco pronomes átonos em início de oração, todos são enclíticos. Dos oito pronomes átonos encontrados no texto em qualquer parte da oração, apenas dois são proclíticos, o que mostra a preferência do uso da ênclise neste estado da língua portuguesa.

Segue um poema de Joan Soares Coelho para análise:

Foi-s'o meu amigo d'aquí noutro día
coitad'e sanhud'e non soub'eu ca s'ía,
mais, ja que o sei, e por santa María
e que farei eu, louçãa?

Quis el falar migu'e non houve guisado
e foi-s'el d'aquí sanhud'e mui coitado
e nunca depois vi el nen seu mandado,
e que farei eu, louçãa?

Quen lh'ora dissesse quan trist'hoj'eu seja
e quant'hoj'eu, mui fremosa, desejo
falar-lh'e veé-l'e, pois que o non vejo,
e que farei eu, louçãa?

Aqui, mais uma vez, percebemos a presença majoritária dos pronomes enclíticos. Há dois pronomes oblíquos em início de oração, e ambos são enclíticos. Dos sete pronomes átonos encontrados, cinco também tomam a forma enclítica, esta então predominando no texto.

Se analisa também obra do poeta Lopo Lias:

Tercer día ante Natal,
o infançón lh'i foi dar
un brial a mia senhor bela;
e ao zevrón rengen-lh'a sela,
e un brial a mia senhor bela,
e ao zevrón rengen-lh'a sela.

Sei eu un tal cavaleiro,
que lhi talhou en janeiro
un brial a mia senhor bela;
e ao zevrón rengenlh'a sela,
e un brial a mia senhor bela,
e ao zevrón rengenlh'a sela.

Filhou-lh'o manto caente
e talhou-lhe en Benavente
un brial a mia senhor bela;
e ao zevrón rengenlh'a sela,
e un brial a mia senhor bela,
e ao zevrón rengenlh'a sela.

Se nota aqui uma predominância quase total da ênclise. Os dois pronomes oblíquos encontrados em início de oração são enclíticos e, dos dez pronomes oblíquos encontrados, apenas dois são proclíticos, todos os outros sendo enclíticos. Fica clara a predominância da ênclise na obra do poeta, inclusive em início de oração.

Na seguinte cantiga de Pae Calvo, se analisam mais uma vez os pronomes clíticos:

Foi-se o meu perjurado
e non m'envía mandado.
Deseja-lo-ei.

Ai madr', o que ben quería
foi-s'ora d'aquí sa vía.
Deseja-lo-ei.

E non m'enviou mandado;
de Deus lhi seja buscado.
Deseja-lo-ei.

Pois mandado non m'envía,
busque-lh'o Santa María.
Deseja-lo-ei.

Nessa cantiga, se encontram três casos enclíticos em início de oração. O curioso desta cantiga é a aparição da mesóclise, característica da língua portuguesa e que agora se vê nestes textos de português arcaico, o que antes não ocorria nos textos latinos.

Faz parte do *corpus* analisado também uma cantiga escrita por Dom Dinis, rei de Portugal a partir de 1290:

Chegou-m'ora aqui recado,
amiga, do voss'amigo,
e aquel que falou migo

diz-mi que é tam coitado
que per quanta poss'havedes
já o guarir nom podedes.

Diz que hoje, tercer dia,
bem lhi partírades morte
mais houv'el coita tam forte
e tam coitad'er jazia
que per quanta poss'havedes
já o guarir nom podedes.

Com mal que lhi vós fezestes
jurou-m', amiga fremosa,
que, pero vós poderosa
fostes d'el quanto quisestes,
que per quanta poss'havedes
já o guarir nom podedes.

E gram perda per fazedes
u tal amigo perdedes.

Se encontram três pronomes oblíquos átonos em início de oração, todos enclíticos. Os outros cinco pronomes oblíquos estão em posição proclítica devido a um advérbio — *já* ou *bem* — ou a um pronome relativo — *que* — que os antecede, como postula a gramática tradicional do português contemporâneo. Entretanto, todos os casos em início de oração são enclíticos.

A seguir, poema do trovador João Garcia de Guilhade:

Cada que ven o meu amig'aquí
diz-m', ai amigas, que perde o sén
por mí e diz que morre por meu ben,
mais eu ben cuido que non ést'assí,
ca nunca lh'eu vejo morte prender
nen o ar vejo nunca ensandecer.

El chora muito e filha-s'a jurar
que é sandeu e quer-me fazer fis,
que por mí morr'e, pois morrer non quis,
mui ben sei eu que ha ele vagar,
ca nunca lh'eu vejo morte prender
nen o ar vejo nunca ensandecer.

Ora vejamos o que nos dirá,
pois veer viv'e pois sandeu non for;
ar direi-lh'eu: “Non morrestes d'amor?”
mais ben se quite de meu preito ja,
ca nunca lh'eu vejo morte prender
nen o ar vejo nunca ensandecer.

E ja máis nunca mi fará creer
que por mí morre, ergo se morrer.

Nesta cantiga, há uma maioria de pronomes átonos proclíticos: seis em dez. Essa característica mostra a ainda indefinição do posicionamento dos pronomes na frase e a liberdade que essa característica permitia ao falante e escritor.

Por fim, para que não sejam abordadas apenas cantigas, mas também textos em prosa, se analisam textos históricos do período arcaico da língua portuguesa.

Um deles é a Crônica de Dom Fernando, redigida por Fernão Lopes. Este foi um funcionário do reinado português do século XIV nomeado cronista pelo rei Dom Duarte de Portugal. Escreveu as crônicas dos reis Dom Pedro I, Dom Fernando I e Dom João I, todos reis de Portugal. A escrita de Fernão Lopes se caracteriza por uma literatura de expressão oral e popular, uma vez que foi autodidata e confessava escrever a nudez da verdade, e não a formosura das palavras. Segue abaixo o texto da crônica (LOPES, 2010):

Razoões desvairadas, que alguuns fallavam sobre o casamento delRei Dom Fernamdo Quando foi sabudo pello reino, como elRei rezebera de praça Dona Lionor por sua molher, e lhe beijarom a mão todos por Rainha, foi o poboo de tal feito mui maravilhado, muito mais que da primeira; por que ante desto nom enbargando que o alguuns sospeitassem, por o grande e honroso geito que viam a elRei teer com ella, nom eram porem çertos se era sua molher ou nom; e muitos duvidamdo, cuidavom que se emfa daria elRei della, e que depois casaria segundo perteemça a seu real estado: e huuns e outros todos fallavam desvairadas razões sobresto, maravilhamdose muito delRei nom emtemder quamto desfazia em si, por se comtemtar de tal casamento. E delles diziam que melhor fezera elRei teella por tempo, e des i casar com outra molher; mas que esto era cousa que mui poucos ou ne nhuum, posto que emtemdessem que tal amor lhe era danoso, o leixavom depois e desamparavom, moormente nos mançebos anos. E leixadas as fallas dalguuns simprezes, que em favor delle razoavom, dizendo que nom era maravilha o que elRei fezera, e que ja a outros acomteçera semelhaveil erro, avemdo grande amor a alguumas molheres; dos ditos dos emtemdidos fundados em siso, alguma cousa digamos em breve: os quaaes fallamdo em esto o que pareçia, diziam que tal bem quemça era muito demgeitar, moormente nos Reis e senhores, que mais que nenhuuns dos outros desfaziam em si per liamça de taaes amores. Ca pois que os antiigos derom por doutrina, que ho Rei na molher que ouvesse de tomar, principalmente devia desguar dar nobreza de geraçom, mais que outra alguma cousa, que aquel que o comtrario desto fazia, nom lhe viinha de boom siso, mas de samdiçe, salvo se husamça dos homeens em tal feito lhe emprestasse nome de sesudo: e pois que elRei Dom Fernamdo leixava filhas de tam altos Reis; com que

lhe davom gramdes e homrrosos casamentos, e tomava Dona Lionor, que tantos com trairos tiinha pera o nom ser, que bem devia seer posto no conto de taaes. Outros diziam, que isto era assi como door da qual ao homem prazia e nom prazia, dizemdo que todollos sabedores concordavom, que todo homem namorado tem huuma espeçia de samdiçe; e esto por duas razões, a primeira por que aquello que em alguuns he causa intrimseca das outras maneiras de sam diçe, he em estes causa de taaes amores: a segunda por que a virtude extimativa, que he emperatriz das outras potemçias da alma açerca das cousas senssivees, he tam doemte em taaes homeens, que nom julga o ogeito da cousa que vee tal qual elle he, mas tal qual a elle parece; ca el jullga a fea por frefosa, e aquella que traz dampno seer a elle proveitosa; e por tanto todo juizo da razom he sovertido açerca de tal ogeito, em tanto que qual quer outra cousa que lhe consselhem, podera bem reçeber; mas quamto açena de tal molher a elle prazivel, cousa que lhe digam do boom comsselho nom reçebe, se o consselho he que a leixe e nom cure delle, ante lhe faz huum acreçentamento de door, que he fora de todo boom juizo; de guisa que se he tal pessoa o que comsselhou, de que possa tomar vimgamça, tomaa assi como fez elRei Dom Fernamdo, que mandou fazer justiça em alguuns do seu poboo, que o bem comsselhavom em semelhamte caso, segundo ja teendes ouvido.

Quatorze são os pronomes oblíquos átonos aqui encontrados: dois casos de próclise em início de oração, um caso de ênclise em início de oração, dez casos de próclise em meio de oração e um caso de ênclise em meio de oração. Há uma visível predominância da próclise — doze casos contra dois casos de ênclise —, porém já se encontram casos de ênclise em início de oração, o que poderia mostrar um processo de mudança ocorrendo na língua portuguesa em seu período arcaico. Esse fato prova o uso aceitável da próclise em início de oração mesmo no português arcaico, com tendência a mudanças em direção à predominância da ênclise que impera hoje no português europeu.

Outro texto é a Notícia do Torto, um relato de litígio entre as famílias de Gonçalo Ramires e de Lourenço Fernandes, que envolveu desde quebra de contrato até agressões físicas. Trecho do texto para análise segue abaixo (ILARI & BASSO, 2006: 23):

E subre becio e super
fijmento se ar quiserdes ouir as desonras que ante ihc furun
ar ouideas: Venerun a uila e fila[run]li o porco ante seus filios e com
erusilo. Venerun alia uice er filarun otro ante illes
er comerunso. Venerun in alia uice er filiarun una ansar ante
sa filia er comerunsa. In alia uice ar filiarunli o pane ante
suos filios. In alia uice ar ue[ne]run hic er filarun inde o uino
ante illos

Otra uice uenerunli filar ante seus filios quanto que li agarun in quele casal. E furunli a u ueriar e prenderun inde o conlazo unde mamou o lecte e gacarunno e getarun in tera polo cecar e le[ua]run delle quanto oue. In alia uice ar furun a feracin e prenderun llos omes e gacarunnos e leuarun deles quanto que ouerun. In otra fice ar prenderun otros llos a se[u] irmano Pelagio Fernãdiz. e lagarunnos.

Onze são os pronomes oblíquos átonos encontrados, todos em posição enclítica. Não há próclises encontradas no trecho disponibilizado pela bibliografia, o que demonstra o processo de enclitização dos pronomes oblíquos átonos no português arcaico.

Outro texto que ajudará na análise histórica é a *Carta dos juízes de Abrantes*, escrita na segunda metade do século XIII, comunicando ao rei Afonso III a intenção de refazer e inaugurar um muro no Concelho de Abrantes. Abaixo o texto (ILARI & BASSO, 2006: 27):

Carta dos juyzes de Aurâtes p(er)a faz(er)em e refazeren o Muro do dito Castelo de Aurâtes. Conoscã todos aq(ue)les q(ue) esta uiren e ouiren q(ue) nos Juyzes e Concelho de Aurâtes de nossas liures uontades entendendo a faz(er) nossa p(ro)l de nossos corpos e de nossa t(er)ra e de nossos aueres ficamos e outorgamos que façamos e refaçamos o Muro do Castelo de Aurâtes cada hu for mester assy enos Andamhos come nas escaadas come nos cubos come nas torres come nas outras cousas u q(ue)r q(ue) mest(er) for. E obligamonos p(er) quãto q(ue) auemos mouil e a cõpir e a fazer todas estas cousas de suso ditas. E nos deuemos a se'e'r aparelhados ata primeyro dia de Março a faz(er) e adubar esse Muro assy como de suso dito deue se'e'r feyto deste sam Miguel q(ue) uem ata hu'u' Ano. Da qual cousa em testemoyo fizemos esta carta seelada do seelo do nosso Cõcelho.

Se veem apenas dois pronomes oblíquos átonos nesta carta — grifados por mim —; porém, o uso é interessantíssimo: os dois casos envolvem o uso do pronome oblíquo átono *nos*, ambos em início de oração. O curioso é que um se encontra em posição enclítica; enquanto o segundo, em posição próclítica. Isto revela a possibilidade de ambos os usos e a indefinição de uma única posição fixa correta para os pronomes clíticos em início de oração.

Os textos acima estudados revelam uma indeterminação no uso próclítico ou enclítico dos pronomes oblíquos átonos, da mesma forma vista nos textos de língua latina — tanto clássica quanto vernacular. Porém, se percebe uma tendência maior ao emprego da ênclise. Esse fato poderia demonstrar que, durante o período arcaico da língua portuguesa, a colocação dos pronomes já sofria um processo de enclitização para, em determinado momento no futuro, se

definir como enclítica, como hoje ocorre no português europeu e como prega a norma gramatical.

5.2 PORTUGUÊS MODERNO

Para a morfologia, a sintaxe e o vocabulário, o fim do século XVIII e o início do século XIX parecem ter sido uma época de transição entre o português clássico e o que se pode chamar o português moderno e contemporâneo. Vejamos alguns exemplos: a colocação do pronome átono é fixada de maneira mais rígida (*João sentou-se*, quando, num enunciado desse tipo, a língua clássica empregava igualmente *João se sentou*.) [...] (Teyssier, 2004: 90)

A partir dessa afirmação de Paul Teyssier, se mostrou necessária a análise do período do português moderno que vai do século XVIII ao século XIX, a fim de localizar obras que mostrem a linguagem da época. Para isso, analisei a publicação *Obras do diabinho da mão furada*. Se trata de um manuscrito da Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, de autor anônimo², escrita em linguagem popular do século XVIII e que conta a história da lenda popular portuguesa do diabinho da mão furada. A obra é constituída de cinco folhetos, cujo primeiro foi para este trabalho estudado e analisado (SILVA, 1958).

Neste primeiro folheto da obra, foram encontrados 211 pronomes oblíquos átonos. Destes, 162 estavam em posição proclítica e 49, em posição enclítica. Dos pronomes proclitizados, muitos eram os que se dispunham em tal posição pela presença de partículas atratoras. Porém, o curioso é que outros estavam proclitizados mesmo sem a presença de partículas atratoras, como se vê nos exemplos abaixo:

“Vendo o soldado caminhante que a noite ameaçava escuridão e que as nuvens sem descansar choviam, se resolveu a passar a noite como pudesse em algum aposento mais reparado daquele edifício, contentando-se nele, para seu sustento, com o limitado provimento do seu alforge; e, cortando com a espada ramos de umas árvores e valados que perto estavam, para

² Alguns teóricos atribuem autoria a António José da Silva, o Judeu (1705-1739); portanto, tal questão não é consenso.

acender fogo a que se enxugasse e reparasse do frio, se recolheu a um dos aposentos, que julgou por mais acomodado.” (p. 225)

“Ouvii que uma voz desentoadada e medonha lhe dizia: [...]” (p. 226)

“A esta voz atendendo o soldado, viu que, a seu parecer, as paredes do cubículo estremeciam, prognosticando sua ruína, e os fragmentos das antigas portas e janelas se quebravam; mas nem por este respeito perdeu o ânimo.” (p. 226)

“— Se és espírito transmigrado desta vida, e necessitas de algum sufrágio nela, eu te requeiro, da parte de Deus, me digas quem és e o que pretendes, que ânimo tenho para te servir, e te prometo fazer tudo o de que necessitares para teu remédio, ainda que por ser um pobre soldado me seja forçoso mendigar para o fazer.” (p. 226)

“Uns me chamam *Diabinho da Mão Furada* e outros *Fradinho*, [...]” (p. 229)

“Daqui tenho ordem de Lúcifer para acudir a todos os mágicos e bruxas que conosco têm pacto e heis dar razão do que por meio da minha indústria querem saber.” (p. 230)

“[...] ajoelhando ao Diabinho, lhe falaram da forma seguinte: [...]” (p. 232)

“O Demónio endemoninhado lhe disse: [...]” (p. 234)

“— Vítor, amigas minhas! Vós outras, sim, que sois merecedoras de meus favores! Eu vos engrandeço por superlativas bruxas; e, porque tenho o hóspede que ali vedes e é já tarde, vos podeis restituir às vossas habitações.” (p. 235)

“Com isto se despediu o Diabinho, e Peralta se recolheu a um aposento, onde, fechando-se, tirou do alforje o dinheiro, [...]” (p. 241)

“[...] e, depois de jantar, como tinha velado a noite passada, fechada a porta do aposento, se lançou a dormir.” (p. 242)

Assim, se percebe que a próclise é utilizada em muitas situações em que, hoje, a ênclise seria utilizada em Portugal, incluindo em posição inicial de oração. Se constata, por conseguinte, a flexibilização das colocações pronominais mesmo neste período que foi, segundo Teyssier, o período de fixação da ênclise em Portugal.

Com o objetivo de complementar a pesquisa aqui realizada com mais informações sobre a colocação pronominal na língua portuguesa moderna e, dessa forma, ter mais subsídios para discutir a tese aqui explanada, me pus a verificar a colocação das partículas átonas no português europeu contemporâneo falado. Para tal tarefa, usei como *corpora* entrevistas gravadas e transcritas por pesquisadores do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL/UL, 2010).

Duas foram as entrevistas estudadas: *A Juventude Ontem e Hoje*³ e *O Trabalho e a Posse da Terra*⁴. Ambas são entrevistas realizadas com informantes portugueses com onze anos de escolaridade. A primeira entrevista foi realizada em 1995, na cidade de Braga, Norte de Portugal, com uma professora primária aposentada de 82 anos; a segunda, em 1997, na cidade de Beja, Sul de Portugal, com um diretor de instituto politécnico.

Nos *corpora*, não foi encontrada nenhuma partícula átona proclítica em posição inicial de oração. Entretanto, foram encontradas outras partículas átonas em posição proclítica, contrariando a idéia que diz que os portugueses sempre preferem a ênclise quando não há partículas atratoras que forcem a próclise. Na primeira entrevista — excluindo os casos em que havia a presença de partículas atratoras —, foram encontradas onze partículas átonas. Dessas onze partículas, sete se encontravam em posição enclítica, enquanto quatro se encontravam em posição proclítica. Na segunda entrevista — novamente, excluindo os casos em que havia a presença de partículas atratoras —, mais onze partículas átonas foram encontradas. Destas, dez eram enclíticas e uma, proclítica.

Se percebe que a grande maioria das partículas átonas encontradas eram posicionadas de forma enclítica. Porém, a presença da próclise em alguns casos já nos mostra que não é absoluto o emprego enclítico na ausência de partículas atratoras pelos portugueses. Esse fato nos revela a possibilidade da utilização da próclise em outros contextos também pelos falantes de português do velho continente, e não apenas por nós, brasileiros “corruptores” da língua.

³ Anexo 1

⁴ Anexo 2

6 ANÁLISE DAS REGRAS PRESCRITIVAS DA LÍNGUA PORTUGUESA COMPARATIVAMENTE A OUTRAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Para testar toda a autoridade do ensino das regras gramaticais, se realizou uma pesquisa em três gramáticas da língua portuguesa altamente conceituadas no meio acadêmico. A primeira é a *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, de Napoleão Mendes de Almeida, gramático conhecido por ter uma visão conservadora da Língua Portuguesa. As outras duas obras — *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, e *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara — foram escolhidas por terem autores que são conhecidos por suas visões linguisticamente mais inovadores da língua em questão. Além disso, também foram analisadas gramáticas de outras línguas românicas, com o intuito de comparar o sistema de organização e colocação de pronomes oblíquos átonos nas outras línguas neolatinas. Assim, apresento e analiso a seguir alguns trechos de seus livros que abordam o emprego de pronomes átonos, a fim de constatar o emprego, o uso e, principalmente, a colocação dessas partículas nas gramáticas normativas da língua portuguesa.

Primeiramente, analisemos a gramática de Napoleão Mendes de Almeida, intitulada *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. Logo no início do capítulo LVII, que traz o nome de “Colocação dos pronomes oblíquos átonos”, Almeida afirma (ALMEIDA, 1969: 196):

A palavra *regra*, quando se fala em ‘regras para a colocação dos pronomes oblíquos’, deve ser bem compreendida. A causa, o móvel, o eixo, o princípio fundamental, que explica a diversidade de posição, na frase, do pronome oblíquo, é tão só, única e exclusivamente um: a *eufonia* (gr. *eu* = bom + *phoné* = som), isto é, a harmonia, a agradabilidade do som, ou, ainda, a facilidade, a suavidade na pronúncia (Isto se denomina, com mais propriedade, *eustomia* — do gr. *eu* = bom + *stóma* = boca). Mas que é realmente, em gramática, *eufonia*? Não tem aí a palavra sentido absoluto, conceituação própria, independente, senão relativa: é eufônico, numa língua, o que é habitual, que é costumeiro, o que é geral, e neste sentido é que o aluno deve compreender afirmações como ‘a posposição não é agradável ao ouvido’, ‘repugna ao ouvido...’.

O uso, repito, tanto relativo a um grupo quanto a um indivíduo, é que torna eufônica, ou não, determinada incidência tônica: a agradabilidade do som e a suavidade da pronúncia são decorrência natural do hábito. Nesse sentido, pois, é que se deve compreender, no presente estudo, que 'regra não passa de exigência da eufonia ou da eustomia' e, ainda, quando se diz que para os portugueses não existe o problema da colocação dos pronomes oblíquos; é que eles, *habitualmente*, observam as regras. Esse estudo iniciou-se e só se faz no Brasil, cuja extensão territorial exige muito mais escolas e muito mais vias de comunicação para que se preserve sua unidade política e lingüística."

Aqui, Almeida, afirma que é "somente e apenas" a eufonia que define a posição clítica de um pronome átono, e que a decisão do emprego clítico depende do hábito, ou seja, do uso dos falantes. Se trata de uma visão muito adequada até para os tempos de hoje, o que daria extrema credibilidade ao autor. Porém, o mesmo se mostra completamente contraditório ao seguir escrevendo sua obra, como se mostra a seguir (ALMEIDA, 1969: 200-201):

Ênclise

Se é de natureza dos oblíquos funcionar como complementos dos verbos, nada mais justo dizer que, em regra geral, os oblíquos devem vir pospostos aos verbos. Como é a eufonia que regula esta questão da posição dos oblíquos, podemos formular a seguinte regra:

Quando não há nada que eufonicamente atraia o oblíquo, deve-se dar preferência à posposição: 'Os homens dizem-se sábios quando...' (melhor do que: Os homens se dizem sábios...). 'O homem mantinha-se de pé' (melhor do que: O homem se mantinha de pé). 'A menina machucou-se toda' (melhor do que: A menina se machucou toda).

Essa colocação dá mais ênfase à frase.

Uma vez que, para efeito de prosódia, o pronome oblíquo deve apoiar-se no acento do verbo, não se pode iniciar um período com pronome oblíquo: 'Disseram-me isso ontem' e não: 'Me disseram isso ontem'.

Pois como não poderíamos iniciar um período com pronome oblíquo, uma vez que a eufonia leva os brasileiros a fazê-lo? Em quatro parágrafos, o autor consegue subverter sua teoria da eufonia e impor uma regra totalmente descabida para um brasileiro falante de português. Almeida parte de uma ótima teoria, para após a desconstruir, se baseando nela mesma. Inexplicável, até mesmo para ele. A seguir, apresento mais trechos de seu livro que me parecem importantes para o assunto aqui tratado (ALMEIDA, 1969: 446-447):

Se ponto existe escabroso em português, em que tombam com muita freqüência os descuidados do nosso idioma, é este do pronome *se*. Pode esse pronome exercer diversas funções na oração:

(...)

4ª Função — Passividade

(...) Suponhamos as orações:

“Prevêem-se muitas coisas” — “Devem-se transformar as leis” — “Procura-se anular as nomeações” — “Intenta-se fazer grandes coisas” — “Pretende-se reerguer as colunas” — “Proíbe-se afixar cartazes” — “Quer-se demolir esses muros” — “Não se conseguiu obter informações”.

(...)

5ª Função — Impessoalidade

(...) Outros exemplos em que entram verbos intransitivos e verbos transitivos indiretos, empregados com o *se*, para indicar indeterminação do sujeito:

Verbos intransitivos: ‘Passeia-se muito no Rio de Janeiro’.

Verbos transitivos indiretos: ‘Precisa-se de costureiras’ — ‘Trata-se de caso incurável’.

O *se* pode indicar impessoalidade de ação com os próprios verbos transitivos diretos, em frases como estas: ‘Louva-se aos juízes’ — ‘Previne-se às pessoas presentes’.

Almeida inicia sua reflexão chamando o povo brasileiro de “descurado”, uma vez que é de uso geral o emprego da próclise nesses contextos, se tratando de linguagem culta brasileira. O autor toma uma visão extremamente puritana e conservadora, vendo a língua apenas do ponto de vista dos portugueses, como se os brasileiros não fossem também falantes nativos de português. Expõe exemplos do emprego da partícula *se* apassivadora e impessoal apenas com ênclise, o que é de hábito na linguagem culta falada e escrita em Portugal. O uso do português no Brasil é, como sempre, deixado de lado, para ser imposto o uso europeu.

Nada mais a comentar sobre o autor que se diz chamar Napoleão.

A Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Celso Cunha e Lindley Cintra, se mostra mais compreensiva em relação ao uso da próclise com a partícula *se*. Primeiramente, os gramáticos expõem os exemplos todos com ênclise, como se vê abaixo (CUNHA & CINTRA, 2001: 305-306):

O pronome *se* emprega-se como:

(...)

d) Pronome apassivador:

Ouve-se ainda o toque de rebate.

(B. Santareno, TPM, 121.)

Faz-se novo silêncio.

(Coelho Netto, OS, I, 97.)

e) Símbolo de indeterminação do sujeito (junto à 3ª pessoa do singular de verbos intransitivos, ou de transitivos tomados intransitivamente):

Vive-se ao ar livre, come-se ao ar livre, dorme-se ao ar livre.

(R. Brandão, P, 165.)

Martelava-se, serrava-se, acepilhava-se.

(Coelho Netto, OS, I, 131.)

Contudo, dedicam um subcapítulo para explicar a colocação dos pronomes átonos no Brasil, evidenciando a diferença entre o uso em Portugal e o uso no Brasil, além de outras ex-colônias africanas. Usam, inclusive, evidências linguístico-históricas para autenticar tal uso (CUNHA & CINTRA, 2001: 316-317):

A colocação dos pronomes átonos no Brasil

A colocação dos pronomes átonos no Brasil, principalmente no colóquio normal, difere da atual colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica.

Podem-se considerar como características do português do Brasil e, também, do português falado nas Repúblicas africanas:

a) a possibilidade de se iniciarem frases com tais pronomes, especialmente a forma *me*:

— Me desculpe se falei demais.
(Érico Veríssimo, A, II, 487.)

Me arrepio todo...
(Luandino Vieira, NM, 138.)

Essa atitude mostra um compromisso mais sério com a língua portuguesa falada no Brasil. Se vê, ao decorrer da obra, que Celso Cunha e Lindley Cintra têm uma preocupação muito maior com a ciência Linguística do que Napoleão Almeida, que se mantém preso a regras pré-estabelecidas cujos porquês, muitas vezes, nem ele consegue explicar.

Outra gramática com uma base mais científica é a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara. O autor se mostra ciente das inúmeras diferenças entre o falar lusitano e o brasileiro, expondo uma grande preocupação em desmistificar a questão do “erro” a que a língua falada no Brasil é subjugada, mostrando que aquilo que hoje é erro para o português europeu já foi usado na língua portuguesa medieval. Bechara chega a contestar a teoria da eufonia exposta por Almeida em sua gramática — que, aliás, nem o próprio Napoleão consegue sustentar (BECHARA, 2004: 587):

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática.

Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da ‘atração’ vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes, estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A

Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a idéia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

‘a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses’ [AS.2, 279].

Um aspecto que faz da gramática de Bechara uma obra inovadora é o fato de que, mostrando a regra da ênclise em início de período, o linguista apresenta exemplos com próclise, mostrando que a eufonia *realmente* varia de povo para povo, e a próclise, no Brasil, “comunica à expressão encantadora suavidade e beleza”, como seu próprio texto argumenta (BECHARA, 2004: 588):

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo o.

A — Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

“Sentei-me, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas” [MA.1, 125].

“Não! Vos digo eu!” [AH apud FB.1, 197]

“Querendo parecer originais, nos tornamos ridículos ou extravagantes” [MM].

Observações:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica ‘à expressão encantadora suavidade e beleza’. [...]

Bechara, assim como Cunha e Cintra, também dedica subcapítulo específico para a colocação dos pronomes átonos no Brasil. Para mim, isso evidencia como nossos estudos estão se tornando mais sérios e científicos e a língua está, aos poucos, deixando de ser simples regras arbitrárias estabelecidas por alguns e se tornando uma língua utilizada por todos. O seguinte trecho da obra de Bechara comprova o que acima foi exposto e defende a nobre ideia de afirmar o português brasileiro como uma variante real e importante da língua portuguesa, capaz de ter regras próprias e não apenas seguir modelos que desde o outro lado do oceano Atlântico nos são impostos (BECHARA, 2004: 591):

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil.

Nos princípios anteriormente comentados vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a lingüística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

'A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entre-ajudam e às vezes se contrapõem. [...]

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

Outro fato que sempre me fez duvidar desta regra gramatical que exige a ênclise em início de períodos é a sua não-aplicação em línguas-irmãs do português. Ao se observar o uso da partícula *si* em italiano — correspondente ao *se* português —, se percebe que ela sempre é proclítica nessa língua. O mesmo ocorre com o *se* espanhol. Pois, se a Lingüística Histórica nos comprova que essas duas línguas têm a mesma origem que o português e apresentam a mesma partícula, com o mesmo significado da partícula *se* portuguesa, então por que a nossa gramática proíbe tal uso? Esse é um fato que, para mim, comprova a falta de seriedade e embasamento em certas regras gramaticais portuguesas.

A seguir, apresento trechos de uma gramática italiana (MORANDI & CAPPUCINI, 1922) que comprovam o uso da próclise nos mesmos contextos do uso dos pronomes oblíquos átonos e da partícula *se* em que a ênclise é exigida no português (MORANDI & CAPPUCINI, 1922: 34; 76):

Lo, la, li, le, comunemente sono enclitici con l'imperativo (Leggilo), salvo però le terze persone; con l'infinito (Leggerlo); col gerundio (Leggendolo), e sempre col participio (Lèttolo).

Nelle proposizioni negative poi, bisogna badare che, se l'infinito ha forza di comando, è più comune farlo precedere da *lo, la*, ecc.: Non la rendere, più comune di Non renderla.

In tutti gli altri casi, *lo, la*, ecc., sono proclitici nel linguaggio comune.

[...]

In quanto a *si*, è da notare che ha molti e svariati usi:

(...)

c) Dà valore passivo alla 3ª persona singolare attiva:

Si canta da tutti in Italia.

Si dice che questo non è vero.

d) Ha forza di soggetto indeterminato dinanzi ai verbi intransitivi:

Si va tardi a letto qui.

Tradução:

O, a, os, as, comumente são enclíticos com o imperativo (Lê-o), exceto para a terceira pessoa; com o infinitivo (Lê-lo); com o gerúndio (Lendo-o), e sempre com o particípio (Lido-o).

Nas proposições negativas, é necessário atentar que, se o infinitivo tem força de comando, é mais comum fazê-lo preceder de o, a, etc.: Não a devolva, mais comum que Não devolva-a.

Em todos os outros casos, o, a, etc., são proclíticos na linguagem comum.

Quanto ao se, é de notar-se que há muitos e variados usos:

(...)

c) Dá valor passivo à 3ª pessoa singular ativa:

Se canta em todos os lugares na Itália.

Se diz que isto não é verdade.

d) Tem força de sujeito indeterminado em frente aos verbos intransitivos:

Se dorme tarde aqui.

O uso proclítico de pronomes oblíquos átonos em posição inicial de oração não ocorre apenas na língua italiana. O mesmo ocorre com a língua irmã da língua portuguesa: a língua espanhola, ou língua castelhana. Reforçando tal idéia, se constata com a exposição de trechos da gramática virtual da língua espanhola de Justo Fernández López, intitulada *Diccionario Panhispánico de Dudas*, que nos proporciona mais evidências das incoerências na proibição do uso proclítico da partícula *se* quando apassivadora e impessoal em início de orações:

En las oraciones de pasiva refleja la forma *se* precede a un verbo en forma activa en tercera persona (singular o plural), junto al que aparece un elemento nominal, normalmente pospuesto, que funciona como su sujeto gramatical. Este elemento nominal suele denotar cosas o acciones, o personas indeterminadas:

*Se hacen fotocopias;
Se supone que ibas a venir;
Se necesitan secretarias bilingües.*

Si el sujeto lleva determinante o es un pronombre, puede ir antepuesto:

*Las fotocopias se hacen en máquinas especiales;
Al final, todo se sabe.*

Por tratarse de una forma de pasiva, solo se da con verbos transitivos, y el verbo irá en singular o en plural según sea singular o plural el elemento nominal que actúe de sujeto:

*En los comercios especializados se vende la pasta de sésamo» (Bonfiglioli Arte [Arg. 1990]);
En ese kiosco [...] no se venden revistas políticas (Puig Beso [Arg. 1976]).*

(...)

Aunque tienen en común el omitir el agente de la acción, conviene no confundir las oraciones impersonales (carentes de sujeto y con el verbo inmovilizado en tercera persona del singular) y las oraciones de pasiva refleja (con el verbo en tercera persona del singular o del plural, concertando con el sujeto paciente). La confusión puede darse únicamente con verbos transitivos, pues son los únicos que pueden generar ambos tipos de oraciones:

*Se busca a los culpables (impersonal) /
Se buscan casas con jardín (pasiva refleja).*

Tradução:

Nas orações de passiva reflexiva, a forma se precede um verbo em forma ativa em terceira pessoa (singular ou plural), junto ao que parece um elemento nominal, normalmente posposto, que funciona como seu sujeito gramatical. Esse elemento nominal costuma denotar coisas ou ações, ou pessoas indeterminadas:

*Se fazem fotocópias;
Se supõe que virias;
Se necessitam secretárias bilíngües.*

Se o sujeito leva determinante ou é um pronome, pode ir anteposto:

*As fotocópias se fazem em máquinas especiais;
Ao final, tudo se sabe.*

Por se tratar de uma forma de passiva, só ocorre com verbos transitivos, e o verbo irá no singular ou no plural segundo seja singular ou plural o elemento nominal que atue de sujeito:

Nos comércios especializados se vende a pasta de sésamo (Bonfiglioli Arte [Arg. 1990]);

Nesse quiosque [...] não se vendem revistas políticas (Puig Beso [Arg. 1976]).

(...)

Ainda que tenham em comum a omissão do agente da ação, convém não confundir as orações impessoais (carentes de sujeito e com o verbo fixo em terceira pessoa do singular) e as orações da passiva reflexiva (com o verbo na terceira pessoa do singular ou do plural, concordando com o sujeito paciente). A confusão pode ocorrer unicamente com verbos transitivos, pois são os únicos que podem gerar os dois tipos de orações:

Se procura os culpados (impessoal) /

Se procuram casas com jardim. (passiva reflexiva)

O mesmo ocorre com os pronomes oblíquos átonos que desempenham papel de objeto direto ou indireto na língua espanhola. O capítulo desta gramática que explica a colocação de pronomes na oração tem a seguinte definição para o uso da próclise:

El uso proclítico de las formas átonas (anteposición al verbo) se emplea en todos los demás casos, es decir, cuando la forma verbal está en indicativo o en subjuntivo sin valor de imperativo positivo.

Lo veo muy mal.

Te diré toda la verdad.

No nos habíamos visto hasta entonces.

¡Dios te oiga!

¡Dios se lo pague!

Tradução:

O uso proclítico das formas átonas (anteposição ao verbo) se emprega em todos os demais casos, ou seja, quando a forma verbal está no Indicativo ou no Subjuntivo sem valor de Imperativo positivo.

O vejo muito mal.

Te direi toda a verdade.

Não nos havíamos visto até então.

Deus te ouça!

Deus o pague!

Assim, em espanhol, o pronome oblíquo átono é usado em início de oração, assim como o português brasileiro o faz, tanto em sua forma culta quanto em sua forma coloquial. A diferença é que, na língua espanhola, tal uso não consta de erro. Não existe o preconceito com tal colocação pronominal que nos foi pregado pelos gramáticos que normatizaram a gramática da nossa língua.

Dessa forma, se constata que o uso proclítico dos pronomes oblíquos átonos é a forma preferida de colocação desses pronomes em início de oração nas línguas neolatinas. O português brasileiro se comporta da mesma maneira que as suas línguas irmãs, fato que, inclusive, poderia ser tomado como estímulo pelos nossos gramáticos para, nesse aspecto, se afastarem da norma lusitana.

7 CONCLUSÃO

Através das pesquisas e análises feitas neste trabalho, se constata que a proclitização em início de oração não é uma novidade, uma corrupção — diriam os gramáticos — do português falado atualmente no Brasil. Se constata que, em diversos momentos da língua portuguesa, a próclise permanece, em maior ou menor medida, como uma opção para o falante de português.

A existência de próclise em início de oração em autores clássicos revela um uso variável, mesmo entre aqueles considerados “bons falantes”, retirando grande parte do apelo de argumentos utilizados pelos gramáticos, que normalmente lançam mão de critérios duvidosos para defender as normas — eufonia, pureza de um determinado estágio da língua etc.

Na asserção de Guy & Zilles (2006, p. 43), “uma base comumente invocada como justificativa para o caráter de *correção* atribuído ao padrão é a história: é mais correto falar assim porque essa forma é mais semelhante àquela usada no passado”. Porém, o texto dos gramáticos que prega haver apenas uma única forma correta de colocação pronominal em início de oração não é a versão que se encontra nos estudos históricos da língua portuguesa. A história da evolução das línguas românicas não prevê como erro tal colocação pronominal nem a condena de qualquer outra maneira. A proclitização dos pronomes oblíquos está presente no latim — tanto na variante clássica quanto na vulgar —, na fase arcaica da língua portuguesa e no estado hodierno das línguas românicas, sendo, inclusive, considerada gramaticamente correta no seu uso coloquial e culto. A eufonia como base para o pretexto que define a próclise em posição inicial de oração como errônea tampouco poderia ser considerada hipótese que a confirmasse, uma vez que esse uso é considerado completamente normal e correto para falantes cultos da língua portuguesa no

Brasil e em outros países de língua portuguesa na África (CUNHA & CINTRA, 2001).

Assim, não se acha outra explicação para o uso obrigatório da ênclise em posição inicial de oração que não seja a arbitrariedade dos gramáticos. A regra se mostra uma mera demonstração do autoritarismo das normas gramaticais da língua portuguesa e do poder de imposição cultural que se encontra nas mãos dos que são considerados os “detentores do saber” na nossa sociedade. Tais formulações rebaixam e desmoralizam outras variantes da língua portuguesa, como a variante brasileira, as tornando, de certa forma, insignificantes face à variante europeia, que apresenta mais poder e autoridade na moldagem e determinação de regras gramaticais. Como afirmam Guy & Zilles (2006, p. 43), “é comum encontrar uma ideologia — e até uma indústria! — para justificar por que o padrão é bom e para *explicar* seus elementos arbitrários”. Porém, os elementos usados pelos gramáticos defensores da obrigatoriedade da ênclise em posição inicial de oração não encontram fundamento na perspectiva linguístico-histórica.

O porquê de tais regras — como esta neste trabalho abordada — não nos foi esclarecido de maneira perspicaz e convincente nem pelos gramáticos, nem pelos professores que fizeram parte de nossa vida escolar, mas deixou espaço para que possamos repensar e criticar, quando necessário, a língua que nos foi legada pela antiga colonizadora nação portuguesa. A norma gramatical se mostra desatualizada. A pesquisa deste trabalho procura colaborar para que se compreenda que não há motivos para pregar tais regras gramaticais nas escolas brasileiras. É necessário que paremos de nos comportar como colônia. Enquanto não declararmos a língua portuguesa como patrimônio também brasileiro, e não só português, teremos conflitos linguísticos que provocarão um distanciamento de nossa língua. É preciso uma visão crítica daquilo que nos é imposto, para que tenhamos a consciência de que a língua portuguesa também é nossa e de que cabe também a nós, brasileiros que têm a língua portuguesa como língua materna, a moldar e a caracterizar, e não simplesmente aceitar regras excludentes que não passem pelo crivo do senso crítico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 24.ed. São Paulo: Saraiva, 1969.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Latina*. São Paulo: Saraiva, 1992.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CAMILLERI, Andrea. *Il giro di boa*. Palermo: Sellerio, 2003.

CLUL/UL. *Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais*. In: Centro de Linguística da Uiversidade de Lisboa. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php> Acesso em: 17 maio 2010.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

EGERIA. *Peregrinatio Aetheriae*. In: Bibliotheca Augustana. Disponível em: <http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost04/Egeria/ege_it00.html> Acesso em: 7 abr. 2010.

FEDRO. *Fabularum*. In: The Latin Library. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/phaedrus.html>> Acesso em: 8 abr. 2010.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Paris: J'Ai Lu, 1991.

GAZOLA, André. *A origem do latim*. In: Lendo.org. Disponível em: <<http://www.lendo.org/a-origem-do-latim>> Acesso em: 5 abr. 2010.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana M. S. O ensino da língua materna: uma perspectiva sociolingüística. *Caleidoscópio* (São Leopoldo), São Leopoldo, v. 4, p. 39-50, 2006.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1999.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

LOPES, Frederico Andries. *Curso de latim 3.2*. In: Orbispictus. Disponível em: <http://www.orbispictus.com.br/downloads/Lectio_001.pdf> Acesso em: 6 abr. 2010.

LOPES, Fernão. *Crônica de Dom Fernando*. Em: O Português Arcaico do Século XV. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/p00001.htm>> Acesso em: 20 abr. 2010.

LÓPEZ, Justo Fernández. *Se en oraciones de pasiva refleja*. In: Diccionario Panhispánico de Dudas. Disponível em: <<http://culturitalia.uibk.ac.at/hispanoteca/Gram%C3%A1ticas/Gram%C3%A1tica%20espa%C3%B1ola/Se%20pasiva%20refleja-Norma%20acad%C3%A9mica.htm>> Acesso em: 30 mar. 2010.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Relato de un naufrago*. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.

MIHĂESCU, Gib. *Donna Alba*. In: Wikisource. Disponível em: <http://ro.wikisource.org/wiki/Donna_Alba_-_Volumul_I.html> Acesso em: 7. abr. 2010.

MORANDI, L; CAPPUCINI, G. *Grammatica Italiana*. Torino: G. B. Paravia, 1922.

NÓBREGA, Vandick Londres da. *A presença do latim*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1962.

PETRÔNIO. *Satiricon*. In: The Latin Library. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/petronius1.html>> Acesso em: 7 abr. 2010.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Belo Horizonte: Garnier, 2006.

SCHMITZ, Leonhard. *Grammar of the latin language*. New York: Hippocrene, 2004.

SILVA, António José da. *Obras completas*. Vol. 4. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1958.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

UFSC. *Grafia e prosódia do latim*. In: Língua, Literatura, Cultura. Disponível em: <<http://www.latim.ufsc.br/D9C836DA-9C6B-49DF-BDF0-CCA6F77C68CA.html>> Acesso em: 6 abr. 2010.

VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al latín vulgar*. 3.ed. Madrid: Gredos, 1975.

ZENONI, G. *Gramática Latina*. 3.ed. Cucujães: Missões, 1961.

ANEXOS

ANEXO 1

TÍTULO: A Juventude Ontem e Hoje

LOCAL: Portugal - Braga

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 82 anos

ESCOLARIDADE: 11 anos

PROFISSÃO: Professora Primária reformada

OBSERVAÇÕES: A filha da informante está presente durante a conversa.

-> naquele tempo não, não, não se andava muito ah, ah, sozinho, era, tinha de ser. isto, já está a ver, há sessenta e tal anos. eu estou com oitenta e quatro, faz favor de ver.

- eh, eh, disse que naquele tempo não se andava muito sozinho

-> não.

- ao contrário do que se passa hoje, não é,

-> oh, oh, hoje é uma desgraça. só, as, os pequenas - tenho uma sobrinha-neta que aos catorze ou quinze anos já queria, sei lá, andar sozinha, não queria n[...], era de noite e de dia, tudo mais, já sabe como é. elas agora entendem que a, que a liberdade e a felicidade que se constrói assim mas... está bem.

- e acha que os pais actualmente podem fazer alguma coisa?

-> não podem, porque q[...], se quiserem prender em casa, estragam tudo. porque eles vão, encontram-se uns com os outros "ou o teu velho faz assim, o teu velho faz assado, eu não ad[...], eu não admitia isso, eu fugia", até a[...], aconselham isto. portanto, os de fora, se todos se, se reunissem e fossem homoge[...], uma, uma educação homogénea, não! mas não é. porque cada um o que se quer é ver livre dos filhos. não se preocupam com o futuro deles. preocupam-se com o bem-estar deles e que tem a sua fa[...], eu bem sei que agora a, a altura também não é para brincadeiras. o pai trabalha, a mãe trabalha, os filhos ficam abandonados, não é, eles lá já se habituam a preparar os seus alimentos, etc., etc., tudo coisas que no meu tempo nunca acontecia, não é, e enfim, a, a, a mentalidade agora é diferente porque também a vida é completamente diferente da que eu fui criada.

- claro.

-> completamente diferente. de maneira que, olhe, temos de s[...], de andar com os tempos, mas olhe que escandaliza muito. esc[...], é verdade.

- faço ideia. faço ideia.

-> escandaliza, escandaliza. lá, olhe, na, na, no meu tempo, Deus me livre. então! nós, as festas do Carnaval e tudo o mais fazíamos-las no colégio. de maneira que vestiam-se umas de rapaz, outras de raparigas e faziam os bailes, etc, etc, as que fossem mais magrinhas era, eram rapazes, as que fossem mais rechonchudinhas eram meninas, olhe, e nós éramos felizes, no meio daquilo tudo éramos felizes. mas... enfim. não tínhamos as aspirações que agora têm estas meninas agora, não, não.

- e na sua opinião, como é que isto vai evoluir para o futuro?

-> eu, eu não sei. olhe que, preocupa-me muito isto. porque daqui, mas também digo: as telenovelas brasileiras têm tido grande influência nisto. eu acho que, ou, eu não sei, o senhor doutor não se perde com as telenovelas mas, nós agora, entretemo-nos. eu vejo que não há rapariguinha nenhuma de treze, catorze anos que sim, que seja enfim uma, uma, uma rapariguinha s[...], s[...], s[...], direita, séria. e estão mortinhas por, por conhecer toda a vida etc, etc. ora isto, as de cá também vêm isto

- claro.

-> e acham que é tudo muito natural. e é porque é natural mesmo. agora nas nossas universidades é, é, é, é o que, é o que se sabe, não é,

- pois é.

-> tem grande influência, também, isso tem, porque se a, se o, se as... telenovelas tivessem um, enfim, um, antes de serem exibidas, se, se as fiscalizassem e etc, etc, ajudavam muito a modificar isto. assim não. vamos cada vez para pior.

- para pior.

-> vamos cada vez para pior. infelizmente, mas, mas vamos, vamos.

- mas eu estou convencido que... nem sequer no Brasil a vida é como as telenovelas mostram.

-> ora é isso. eu também estou convencida. mas fazem muito mal.

- pois.

-> fazem mal. porque eu quantas e quantas vezes eu digo ao meu marido "é impossível que seja tudo assim, porque isto, isto é uma pouca vergonha. tanto faz casados como solteiros, como miúdas, como miúdos tud[...], tudo aquilo, tu[...], tudo, é mesmo, só, só pensam em, em sexo e porcarias e... é só na te[...], naquilo. aquilo é, tem de ser. porque se não, pronto.

- este hábito que as, que, que a juventude tem de tratar os pais por os velhos...

-> pelos velhos, os meus velh[...]

- concorda com essa maneira de tratar os pais?

-> mas isso é brasileiro. isso é brasileiro.

- acha que sim?

-> os velhos. é, é. eles t[...], na, na televisão cá vem ele "ai o meu velho faz assim, o meu velh[...], o meu coroa, o meu velho", é tudo isto assim.

- acha bem essa maneira

-> não!

- dos filhos se dirigirem aos pais?

-> não. e tratá-los por tu, ainda menos! esta trata. os outros dois não. esta é mais atrevida. mas, mas a, mas os outros dois não. e eu nunca lhe dei licença de tratar por tu. até o neto agora também que a mãe na[...], trata, o neto também trata, o filho dela. mas não gosto porque perdem um bocado do respeito. não gosto não, não gosto.

- portanto acha que os seus outros filhos r[...], a respeitam mais que a s[...]?

-> muito mais, muito mais. nunca, nunca nos tra[...], nem um nem outro. sentem muito, muito medo.

- sim. mas...

-> é, é.

- se calhar, isso, não é isso o mais importante, não é...

-> não é o mais importante mas olhe que tem influência. tem, tem. os outros dois são mais respeitadores do que esta. estou pro[...], pr[...], dá o sermão no[...], logo aos pais c[...], por menos de nada. e, e os outros não fazem isso.

- é a mais nova?

-> é, é, é, é por isso, é. é a mais nova, é a única rapariga e, e, pois o pai... tinha sempre um fraco pelas meninas, depois sempre nasceu esta e... enfim. foi, foi mais... mal educada.

- acha que as meninas dão mais trabalho a educar do que os rapazes?

-> eu hoje dizia que antes queria três, três filhos do que um fi[...], dois filhos e uma rapariga. a rapariga dá sempre mais cansa. mais cansa. é mais difícil. mas... também há, há ca[...], há alguns casais, também já tenho encontrado alguns casais que dizem que são mais felizes com as raparigas, principalmente no estudo.

- hum, hum.

-> que são mais cuidadosas que o rapaz, que os rapazes. esta não foi. esta não foi assim muito, não. aquilo foi mais obrigada senão...

- [...]

-> Deus me livre! mas o, o, os rapazes também lá deram conta de si, vamos, mas, mas est[...], mas esta também deu, mas, mas foi mais um, à força. mas, ah, mas eu, nesse ponto não tive essa sorte. mas, há, há pessoas, há casais que nos têm dito "ai, as meninas são mais cuidadosas, são mais aplicadas, são assim, são assado", está bem, pronto. que seja assim mas eu p[...], por mim não reparei assim muito lá, cá, comigo.

- mas não acha que agora dá mais apoio, se calhar, que os irmãos, não?

-> sim! agora está aqui

- ah!

-> na, mora aqui pegado mesmo

- hum, hum.

-> e assim. agora está bem. bem, mas, eu digo no, no tempo em, de meninas, dos meninos.

- claro.

-> era muito refilona, muito refilona.

- a quem terá saído?

-> não sei. a mim não. ai, não, não, não, não. não, não, não! [...] já viu, a força dela?!

- [...]

-> é, é, a mim não saiu não, que eu, eu, eu tratava a minha mãe - ai meu Deus - se a minha mãe me ch[...], quando a minha mãe me cha[...], chamava "ó dona Adília" eu já não sabia de, "que virá por aí?" e nunca a tratei por tu, nunca na vida. e d[...], quando ela me chamasse com aquelas senhorias todas eu desconfiava logo que havia mouro na costa. mas... não, não. nós também estávamos pouco tempo com ela. mas mesmo assim.

- a sua mãe era professora?

-> não, não era.

- ah, desculpe.

-> era doméstica. era doméstica.

- era doméstica.

-> o meu pai é que era

- [...]

-> tesoureiro da câmara, n[...], em Lourenço Marques

ANEXO 2

TÍTULO: O Trabalho e a Posse da Terra

LOCAL: Portugal - Beja

DATA: 1997

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 41 anos

ESCOLARIDADE: 11 anos

PROFISSÃO: Director do Instituto Politécnico

OBSERVAÇÕES: O texto inclui uma conversa telefónica, da qual só estão gravadas as intervenções do informante; a mudança de linha significa que o informante fez uma pausa para ouvir o interlocutor.

- quer dizer que o problema da reforma agrária deixou marcas profundas, no Alentejo.

-> deixou, deixou. deixou, sim, sim, sim. deixou. deixou e, pronto, eh, hoje reconhece-se que... possivelmente o caminho que se seguiu não foi o melhor, porque, inclusivamente, os trabalhadores não foram os mais beneficiados. eh, a terra, pronto, em meu entender e daquilo que conheço, acabou por ter uma exploração mais activa, e racional, portanto, havia muita terra abandonada, começou a ser, eh, trabalhada, e havia um uso abusivo, com a plantação de cereais, que de algum modo também começou a ser... repensado, e começou a faz[...], começaram a fazer-se culturas de uma outra dimensão, não é, deixando os pousios, fazendo culturas rotativas, enfim, digamos que houve uma gestão mais racional da terra. de qualquer das formas, houve... aqui questões político-partidárias, eh, havia interesses por trás disso, os trabalhadores continuaram a trabalhar com investimento, com afinco, enfim, com, com dedicação à terra, que no fundo era isso que eles tinham

- hum, hum.

-> feito sempre e sabiam fazer. e até gostariam, e gostavam de fazer. eh, no entanto houve alguém que tirou daí dividendos, não é, e as coisas acabaram por, por dar dividendos a esses outros que estavam na rectaguarda, e aqueles que trabalhavam efectivamente a terra não melhoraram a sua... forma de estar na vida, a sua qualidade de vida.

- o que me está a dizer implica que eles deixaram de ser explorados por uns para passarem a ser explorados por outros.

-> é um bocado, é exactamente isso. acho que sim. acho que foi um bocado isso que aconteceu.

- hum. hum.

-> foi um bocado. sim, sim. aliás, depois quando foi, quando se procedeu à entrega das reservas, das reservas de terra

- hum, hum.

-> aos p[...], aos antigos proprietários, verificou-se que muitos trabalhadores se colocaram imediatamente do lado dos proprietários, porque... tinham pelo menos a garantia de ter o ordenado ao fim do mês, não é, cumpriam com um conjunto de determinações e, ao fim do mês, portanto, havia uma maior estabilidade no seu percurso de vida, e no seu trabalho. na situação anterior, portanto, era uma grande agitação, toda a gente, de algum modo, mandava e afinal ninguém mandava, eh, cometeram-se muitos erros por falta de, dum plano de organização, e, eh, naturalmente havia alguém que estava por trás a receber e que às vezes lhe falhava no final do mês, quando eles tinham que prestar contas no merceiro e no padeiro e por aí fora.

- hum, hum, hum.

-> sim, sim.

- e, e, e os antigos, eh, latifundiários, ao recuperarem a terra

-> sim, sim.

- eh, qual foi a reação deles em relação aos operários, aos trabalhadores que, que vinham de trás e...?

-> sim. de um modo geral foram bem aceites. de um modo geral foram bem aceites. eh, eram pessoas que trabalhavam, portanto, eh, gerações sucessivas foram trabalhando nas mesmas fazendas. portanto, houve uns que foram herdando a propriedade e houve outros que foram herdando o trabalho.

- hum, hum.

-> hum? portanto, digamos que aquilo era, foi uma situação que passou de pais para filhos, e as relações que se estabeleciam já vinham, eh, de trás. portanto, havia, digamos que... implícito, no desempenho de uns e de outros, algum compromisso

- hum.

-> que tinha a ver com, com o estatuto da família.

- hum, hum.

-> portanto, havia, de algum modo, que dar, que dar resposta, em termos de respeito perante a situação, àquilo que a família anteriormente tinha... feito e tinha combinado e trabalhado. eh, cons[...], con[...], consta-se até que - isto é uma situação anedótica, não sei se a posso transmitir [...] se não...

- com certeza.

-> um sujeito que, um patrão aqui do Alentejo que, eh, portanto, logo a seguir ao Vinte e Cinco de Abril, as terras foram ocupadas e ele... foi embora. eh, foi para o Algarve. e... regressava de vez em quando à, à terra, eh, não conseguia falar... com muitas pessoas porque, pronto, não era bem aceite, e então, quando lhe foi entregue a reserva, ele, eh, um

dia falou lá com um dos f[...], empregados, daqueles mais antigos na casa, e disse-lhe "ó senhor Manel, você, eh, devia de vir aí uns dias comigo para a praia, que era para saber o que a gente sofre na praia. porque esta gente daqui acusa-me toda de... passar dois meses na praia todos os anos. mas eles não imaginam o sofrimento que eu lá passo." e então, "oh, mas, mas venha lá então connosco, senhor Manel". então, leva o senhor Manuel para a praia, põe-no ali deitado na areia de manhã até à noite, o homem coitado, branco como a cal, ao fim de dois dias já estava todo empolado. e então ele manda-o para a terra e diz "olhe, agora vá lá dizer aos seus amigos o que é que eu me farto de gozar aqui todos os anos". [...] isto, de algum modo ilustra a forma como, eh, enfim, as pessoas se relacionaram após a entrega das reservas, não é, que, houve uma aceitação grande, houve, houve, e houve entendimento, as pessoas aqui no Alentejo têm uma particularidade, principalmente as pessoas ligadas à terra. são pessoas que são muito honestas, têm uma forma de estar muito... radical

-> sim, sim

-> eh, faz favor então.

-> sim, sim.

-> sim, sim.

-> sim, sim.

-> boa tarde.

-> viva, dona Conceição.

-> diga.

-> sim, sim. já chegou aqui, eu já dei parecer favorável. portanto, eh, vai agora para o pessoal, é provável que... amanhã ou no outro dia receba a resposta. mas pronto, não há problema, em relação à troca.

-> não, não, não.

-> não, não. quem, quem va[...], quem, quando se ausenta deverá, eh, informar que... vai de férias nesse dia, não é,

-> exactamente, sim, sim, sim, sim.

-> pois. e é bom que isto conste no processo, não é, até para defesa das partes.

-> está muito bem.

-> não faz mal absolutamente nenhum. e pode preparar as suas coisas para essa data, as suas férias.

-> muito obrigado então. boa tarde. adeus.

-> pois, mas

- mas

-> ah! dizia eu que, que as pessoas aqui, principalmente as pessoas ligadas ao campo, têm uma mais-valia enorme, pelo menos naquilo que eu conheço e... tenho tido a oportunidade de viver, são pessoas que têm uma grande dimensão humana, não é, são pessoas, eh, com uma grande dignidade, que, quando dão a sua palavra, eh, pronto, não há, não é preciso ir ao notário, não há... outro tipo de, de meios a que recorrer, porque as coisas são exactamente como as pessoas dizem, não é, e... aqui em relação à, à recuperação das terras por parte dos agricultores aconteceu um bocado isso, não é, as pessoas estavam de algum modo comprometidas com uma situação, elas o que queriam, na sua esmagadora maioria, era trabalhar, não é, era garantir um posto de trabalho, era, pronto, de algum modo dar uma vida mais digna aos filhos, e a preocupação deles era um bocado... essa, não é, por, trabalhar e, e, e ter garantias de continuidade no trabalho. parece-me que nunca houve aqui grande preocupação por parte dos trabalhadores de se tornarem proprietários, ou de, bem, de terem terra para si próprios, um bocado assim.

- até porque a terra não, não era, não ficou para eles, não é, aqui?

-> sim, sim, sim, sim. pois. eh, pronto, hou[...], houve algun[...], houve zonas onde, onde a propriedade foi efectivamente... repartida

- ham, ham.

-> e distribuída às pessoas.

- nominalmente, às pessoas?

-> sim, sim, sim, sim. principalmente em zonas onde havia regadio

- hum, hum.

-> onde através de uma pequena parcela de terra as pessoas podiam tirar uma rentabilidade

- hum, hum.

-> maior. agora ao nível da grande propriedade, não. eh, e no geral, até, as pessoas não, não tiveram grande preocupação em

- hum, hum.

-> em, houve uma altura em que foi be[...], permitido, ou possibilitado às pessoas poderem pedir nas estações agrárias um, uma reserva de, de terra, para exploração directa. e poucas pessoas diligenciaram nesse sentido. foram mais os agricultores que fizeram es[...], que andaram à procura desse...

- hum, hum.

-> desse benesse, do que propriamente os trabalhadores. não houve assim uma grande...
preocupação, nem anseio

- hum.

-> pela terra.